



08 A 11 DE
NOVEMBRO

Vissoft Experience
Rua Professor Pedro Viriato Parigot de Souza,
5300 - Cidade Industrial de Curitiba, Curitiba - PR



Trabalhos Científicos

Título: Análise Sul-Americana Da Mortalidade Por Hiv Em Lactentes No Primeiro Ano De Vida

Autores: FLÁVIO KLINPOVOUS KERPPERS (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE),
VERÔNICA SILVA FURLANI (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE)

Resumo: Analisar e correlacionar o número de óbitos por HIV durante o primeiro ano de vida na América do Sul e no Brasil, no período de 2016 a 2020. Estudo ecológico com referências provenientes do Banco de Dados de Mortalidade da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), durante o quinquênio de 2016 a 2020. O recorte temporal se fez necessário devido à acessibilidade de dados nas bases de pesquisa. Os setores incluídos foram: faixa etária de menores de um ano, país de residência, desde que fizesse parte da América do Sul e possuísse informações no sistema da OMS, e regiões brasileiras. Os dados foram tabulados e analisados por estatística descritiva. Durante o período estudado, notou-se que, dentre os países da América do Sul, o Brasil se destacou em todos os anos, com um total de 96 óbitos, seguido do Peru e Colômbia com, respectivamente, 23 e 21 óbitos. Todavia, não encontrou-se informações acerca da Bolívia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Venezuela. Outrossim, o Brasil obteve 24 registros de óbitos em 2019, seguido de 23 e 20 nos anos de 2016 e 2018. No que tange às regiões brasileiras, o nordeste registrou 32 óbitos totais, seguido pelo sudeste e norte do país. Em relação às menores mensurações, a região centro-oeste totalizou 6 óbitos nesse ínterim. Por fim, dentre os maiores resultados brasileiros, houve destaque de 11 óbitos no sudeste no ano de 2019. O diagnóstico do HIV em recém nascidos é um fator diferencial para a redução das taxas de mortalidade em bebês menores de 18 meses. As transmissões verticais são notórias, uma vez que, quando desconsideradas, ou seja, quando há falha na intervenção terapêutica, podem ser impulsionadas até 31%. Crianças que foram infectadas possuem, em média, tempo de vida até dois anos de idade, devido à omissão de diagnóstico e tratamento adequado. Tal índice pode ser convertido para uma redução da progressão da doença e da mortalidade em 75%, desde que o procedimento terapêutico seja realizado. O Ministério da Saúde dispõe sobre as atualizações no diagnóstico e tratamento de crianças portadoras de HIV. A normativa contextualiza que o procedimento de profilaxia antirretroviral deve acontecer dentro da sala de parto, de preferência nas primeiras quatro horas após o nascimento. Deste modo, pode-se inferir que a taxa de mortalidade em crianças portadoras de HIV está relacionada, principalmente, com a falta de adesão aos cuidados pós-operatórios e na falha do seguimento laboratorial da criança exposta.